**FESTA DO MILHO E A PETECA:** **relato de experiência no Subprojeto Ensino Religioso**

***Fábio Juner Cristaldo Santana da Silva[[1]](#footnote-1)***

***Soeli Fátima da Silva[[2]](#footnote-2)***

***Sandra Andréia Müller Schroeder[[3]](#footnote-3)***

**Grupo de Trabalho (GT): 7 - Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas**

**Resumo**

Este artigo integrador, dividida em leituras teóricas, planejamento e prática em sala de aula, focada nas festas religiosas especificamente na Festa do Milho e na elaboração da peteca como material pedagógico para o ensino da cultura indígena. A metodologia envolveu uma revisão bibliográfica abrangente sobre os aspectos culturais e religiosos relacionados à Festa do Milho, seguida de um planejamento das atividades educativas. A prática em sala de aula consistiu na implementação das estratégias pedagógicas, como a exploração da simbologia do milho e a confecção da peteca, promovendo uma imersão dos estudantes na cultura e festividade sagrada indígena. Os resultados são o enriquecimento do conhecimento dos estudantes sobre a cultura e o sagrado indígena, também o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas. Este estudo oferece compreensão sobre a integração entre teoria e prática no Ensino Religioso, ressaltando a importância da utilização de atividades práticas e materiais pedagógicos relevantes para uma educação contextualizada e significativa.

**Palavras-chave:** Práticas educativas; ensino religioso; cultura indígena; festa do milho; Peteca.

**1 Introdução**

O Subprojeto Ensino Religioso estava inserido no Curso Ciências da Religião - Licenciatura em Ensino Religioso da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) com o Edital nº 23/2022, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES) iniciados no mês de março/2023 até abril/2024, durante esses 13 meses visando a implementação de propostas orientadas por atividades inovadoras e interdisciplinares. A CAPES é um projeto da Fundação do Ministério da Educação (MEC) e em 2007, passou a atuar na formação de professores da educação básica para aprimorar iniciativas voltadas a melhoria da educação básica e o desenvolvimento de materiais pedagógicos.

E foi com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) idealizado pela CAPES que tem como objetivos a aproximação entre a Educação Superior e a Educação Básica sendo fundamental para o enriquecimento da formação docente. Nesse contexto, o Subprojeto Ensino Religioso visou vivenciar o cotidiano da escola pública, proporcionando uma imersão reflexiva na realidade local e junto à comunidade escolar. Esta integração entre teoria e prática foi essencial para uma formação mais completa e alinhada com as demandas reais da educação. Que acomodou abordagens integradoras, divididas em leituras teóricas de diversos autores como Oliveira, Kreuz, Wartha (2014), Coogan (2007), Bowker (2000), planejamentos de aulas e práticas pedagógicas em sala de aula, focada nas festas religiosas especificamente na Festa do Milho e na elaboração da peteca como material pedagógico para o ensino da cultura indígena através do Subprojeto Ensino Religioso com os seguintes objetivos: a) aproximar a Educação Superior da Educação Básica vivenciando o cotidiano da escola pública, refletindo sobre a realidade local e a comunidade escolar; b) articular conhecimentos teóricos e práticos e desenvolver a reflexão sobre os fazeres docentes; c) desenvolver competências de professor pesquisador; d) incentivar práticas dialógicas e metodologias ativas na construção de saberes envolvendo Ensino Religioso em conjunto com o professor (supervisor) da escola-campo a partir da realidade local e das demandas da comunidade escolar; e) confeccionar materiais didático-pedagógicos para o Ensino Religioso no Ensino Fundamental e f) socializar conhecimentos em publicações científicas e eventos acadêmicos das áreas de Ensino Religioso e Educação.

De acordo com a Portaria nº 83/2022, que dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em seu artigo 2º, define que o referido programa, tem por finalidade, proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, os estudantes da primeira metade dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação docente, em nível superior, bem como, concede bolsas aos licenciandos, professores das escolas da rede pública de educação básica e também aos professores das Instituições de Ensino Superior (IES).

A atividade relacionada a festas religiosas sendo um objeto do conhecimento do componente curricular Ensino Religioso inserido no Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau (BLUMENAU, 2021) privilegia a abordagem desse conhecimento com base na Lei nº11645/2008, com a temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, dá visibilidade aos elementos tradicionais de suas culturas, e assim a Festa do Milho das comunidades indígenas tornou-se uma prática pedagógica com a turma do 4º com o objetivo de “reconhecer nas festas populares a memória dos acontecimentos sagrados e a manutenção das diferentes manifestações, tradições religiosas e filosofias de vida” (BLUMENAU, 2021, p. 322) também de compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios. Identificar nomes, significados e representações de divindades nos contextos familiar e comunitário, também reconhecer e respeitar as ideias de divindades de diferentes manifestações e tradições religiosas; analisando a origem histórica, os rituais que nestas festas acontecem e quem são os seus participantes.

Conforme a autora FREIRE, (1996, p. 51) “Há que se ter compromisso para enxergar a prática, não é suficiente não ser cego, é preciso querer abrir a janela”. O ser humano tem a oportunidade de se reconstruir dia após dia, desde que esteja aberto e disposto a aprender, ter a capacidade física de enxergar não é suficiente, é necessário ter a disposição e a determinação para realmente querer ver e compreender o que está acontecendo ao nosso redor pois “as significações são construídas no plano social e processadas internamente, no plano individual” (FREIRE, 1996, p. 50) o processo de aprendizado do ser humano é contínuo que enriquece não apenas a nossa vida mas de todos ao nosso redor.

A observação participante possibilitou uma compreensão mais profunda dos comportamentos presentes no contexto escolar. Ela permitiu perceber gestos, expressões faciais e interações que precisou ser realizada de forma ética, reflexiva e sensível às particularidades do ambiente estudado.

As aulas práticas pedagógicas aconteceram após as observações participantes, mas, não antes do tempo de elaborar o roteiro de aprendizagem, inserindo fundamentação teórica, metodologia, tempo estimado, recursos didáticos, instrumentos e critérios de avaliação. Segundo os autores Andrade e Massabni (2011, p. 840 ) aulas práticas são “tarefas educativas que requerem do estudante a experiência direta com o material presente fisicamente, com o fenômeno e/ou com dados brutos obtidos do mundo natural ou social” , considerando que o uso de aulas práticas é fundamental para os futuros professores, desta forma desenvolver nos estudantes de maneira eficaz a curiosidade e a vontade de conhecer o tema com um roteiro de aula que foi decisivo para um trabalho envolvente, contemplando atividades que possibilitaram aos estudantes permanecerem atentos e produtivos, com atividades colaborativas que desenvolveram o espírito de grupo, que incentivaram a contribuição de cada participante. Isso significou lidar com as características específicas dessa faixa etária, adaptando as atividades e recursos, tornando-as mais acessíveis e interessantes os temas ministrados e as atividades desenvolvidas.

No calendário anual, muitos povos indígenas realizam rituais para marcar o plantio e a colheita do milho, despontando a importância do fruto para a cultura e sua conexão com usos, costumes e tradições ancestrais, estes muitas vezes inviabilizados no mundo globalizado e não nos damos conta que alguns costumes e jogos acabam se perdendo com o tempo, como é o caso do jogo da peteca, conforme a (Revista PB, 2024, s.d.)

O termo peteca é de origem tupi e significa "tapear ", "golpear com as mãos”. O brinquedo surgiu por meio de sobras nas tribos, como a palha do milho, dobradinha com esmero e técnica, virando a base; as penas das aves, amarradas em cima, têm a função não só de adorno, como também de prover equilíbrio.

E como resultado final a “peteca” demonstra a criatividade e a habilidade técnica dos povos indígenas em utilizar recursos disponíveis para criar objetos não apenas de entretenimento, mas também podendo ser usado como uma ferramenta pedagógica utilizada no âmbito educacional que carrega consigo uma representatividade cultural e religiosa dos povos indígenas e foi no Subprojeto Ensino Religioso realizado com a turma do 4º ano, composta por 32 estudantes que um brinquedo causou impacto na aprendizagem e trouxe diversão, conhecimentos, respeito aos povos indígenas, muita alegria, interdisciplinaridade, tolerância, diálogos, interação e inclusão.

**2 Festa do milho uma festa religiosa: leituras, conhecimentos e admiração pela cultura indígena.**

As festas religiosas são relevantes pois são uma forma de preservação da identidade cultural e religiosa presente nas mais diversas religiões, daí sua importância conforme: (BIACA *et al*.,2008, p.93) "Assim sendo, as festas são um dos elementos importantes nas tradições/manifestações religiosas de todo mundo". Entendemos que ensinar os estudantes a conhecer e valorizar a cultura do outro através das festas religiosas que representam elementos simbólicos conforme autores “[...] as festas nas tradições religiosas apresentam elementos simbólicos como mitos, ritos, liturgias, músicas, danças, luxo e beleza. Toda festa, mesmo quando não religiosa, teve, em sua origem histórica, uma vinculação com a religião”. (BIACA *et al*.,2008, p.93).

O milho é um fruto para a formação da cultura e da identidade, assim como é fonte alimentar brasileira, que busca evidenciar a força da sacralidade do milho para as culturas dos povos indígenas, possibilitando a sobrevivência das mesmas, graças a esse alimento popular brasileiro, ingrediente de pratos típicos indígenas e africanos.

A Festa do Milho é uma forma tradicional de distribuição de milho, valoriza saberes e espiritualidade, fortalece práticas culturais ligadas a natureza, inclui cerimônias musicais, corridas de toras, pinturas corporais, caminhadas às roças coletivas para a colheita de alimentos como o milho, a banana, o arroz e a macaxeira, o preparo de comidas tradicionais além de danças coletivas nos povos indígenas do Brasil.

A Festa do Milho coloca em evidência três ações centrais: cantar, correr e compartilhar alimentos, que são imprescindíveis não apenas nos contextos rituais, mas em todas as dimensões da vida, dando sentido ao bem-viver dos povos indígenas. A festa faz parte da colheita, reza bons tempos para os plantios futuros, renova a sobrevivência das tradições culturais

A Festa do Milho tem raiz religiosa vinculada aos antepassados dos povos indígenas que mantém sua tradição viva até hoje através de seus ritos. O milho é de grande importância para a preservação da cultura e da sobrevivência dos povos indígenas Guarani Mbyá, segundo Ladeira:

O milho é um dos alimentos sagrados Guarani Mbya! Sua plantação é fértil nas regiões em que os Guarani costumam viver, e, portanto, o milho é um alimento muito antigo na tradição Guarani. Os Guarani Mbya se consideram os guardiões do milho, buscando defender as condições territoriais para plantarem este alimento sagrado.

Sendo um grão, o milho ocupa um lugar de destaque na cultura e na espiritualidade dos povos indígenas, sendo considerado um dos muitos alimentos sagrados. Seu plantio e cultivo é uma prática ancestral e sagrada, está ligada à sua identidade e modo de vida, conforme Ladeira,

Devido à sacralidade da relação dos Guarani Mbya com os alimentos, existem rituais de preparação para o plantio e a colheita, de modo a vincular os alimentos com os seus espíritos protetores, e para fortalecer e proteger aqueles que irão se alimentar.

Nas regiões onde os povos indígenas Guarani Mbya habitam, a plantação de milho é uma atividade fundamental para sua subsistência e sobrevivência da comunidade. Depois da colheita, desbulhar o milho, e o que sobra são as palhas secas que são utilizadas para confeccionar as petecas que era construída de palhas de milho compostas com penas grandes e coloridas, que deram origem à peteca que conhecemos hoje em sua forma esportiva.

Brincadeira que consiste em aquecer os corpos, a peteca era jogada sem regras rígidas, sem espaços delimitados, tendo como objetivo mantê-la no ar por mais tempo possível, jogadas em círculos favorecendo a integração entre os indígenas.

A peteca também faz parte do vocabulário dos povos indígenas: os Bororos intitularam peteca como *paopaó*; entre os Parintins é conhecida como *jitahy´gi*; os Guaranis jogam a *mangá*; os povos Xavantes a nomeiam de *Tobda*, os kaingangs a chamam de *ñaña* ou *ñagna*, dos Krahô chamam de *põhyprỳ*. As formas de jogo são características de cada cultura conferindo também aspectos de brincadeiras de ataque e defesa.

Mesmo com a introdução de novos materiais e técnicas de fabricação, a peteca continua sendo um símbolo importante da cultura indígena e uma forma de preservar e valorizar as tradições ancestrais a peteca deixou de ser um mero objeto para se tornar um brinquedo popularmente apreciado, fonte de cultura, memória e identidade daqueles que brincam.

O Subprojeto Ensino Religioso do PIBID oportunizou uma formação docente baseada em práticas pedagógicas diversificadas fazendo uma conexão entre teoria e prática buscando conhecimentos para que se possa valorizar a história e cultura dos povos indígenas, e desta forma se faz necessário buscar formas de superar obstáculos, discriminação, preconceito pautadas no exercício do diálogo, respeito e tolerância.

Essa investigação foi possível, por isso, o objetivo desta atividade e do relato de experiencia foi explorar a origem e significado cultural da festa do milho como uma das festas religiosas nos povos indígenas brasileiras, destacando a peteca como uma ferramenta pedagógica no âmbito educacional e, contribuir para uma maior compreensão da importância da cultura indígena na educação brasileira e a valorização da diversidade cultural em contextos educacionais.

**3 Peteca: um brinquedo que causou impacto na aprendizagem dos estudantes do 4º**

Durante a realização das práticas pedagógicas realizadas diretamente com os estudantes do 4º no período vespertino da Escola Básica Municipal Bilíngue Annemarie Techentin, situada na rua Josephina Rausch Reiter, número 158, no Bairro Passo Manso, na área urbana de Blumenau/SC, com atualmente 317 estudantes. A instituição de ensino da rede municipal de Blumenau atende estudantes do Ensino Fundamental na modalidade de Ensino Regular do 1º ao 9º, a partir de 2014, cumprindo o disposto na Lei 9394/1996 – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e no Decreto Municipal 8327/2006.

O objetivo era explorar a importância das festas religiosas, com foco na Festa do Milho, dentro do contexto educacional, destacando sua relevância cultural e religiosa para as comunidades indígenas, conforme a revista a [Festa do Milho Sagrado celebra a soberania alimentar e a resistência dos povos Guarani - CEBI](https://cebi.org.br/noticias/festa-do-milho-sagrado-celebra-a-soberania-alimentar-e-a-resistencia-dos-povos-guarani/):

Simbolizado no milho, a saúde, a alimentação e manutenção de saberes ancestrais se faz presente na vida de cada um desses grupos indígenas. Grande maioria das comunidades que estiveram no festejo vivem realidades semelhantes no que se refere a luta pela demarcação de terras e pela garantia de seus direitos socioambientais.

A brincadeira e criação da peteca por meio de sobras da palha do milho, demonstra a criatividade e resistência cultural, habilidade técnica dos povos indígenas em utilizar recursos disponíveis para criar objetos não apenas de entretenimento, mas também podendo ser usado como uma ferramenta pedagógica utilizada no âmbito educacional que carrega consigo uma representatividade cultural e religiosa.

Inicialmente, realizamos observações em sala de aula para identificar o conhecimento prévio sobre festas religiosas e sua conexão com aspectos culturais e religiosos, mais especificamente com o componente curricular de Ensino Religioso o qual é ensinado conforme o currículo municipal desde anos iniciais até os anos finais. Em seguida, conduzimos pesquisas em diversas fontes bibliográficas confiáveis, como artigos acadêmicos e documentários, revistas, materiais de referência, para embasar nossa compreensão teórica sobre o tema.

A partir de pesquisas, planos de aula, fundamentação teórica, critérios de avaliação e implementação das atividades práticas em sala de aula para engajar os estudantes no estudo das festas religiosas, com ênfase na Festa do Milho, foram usados recursos como vídeos, documentários, imagens, textos informativos e atividades interativas para explorar a importância cultural e religiosa do milho para as comunidades indígenas, assim como os rituais associados ao seu cultivo e colheita.

A prática pedagógica, ou seja, a metodologia utilizada com os objetivos de aprendizagem e objeto de aprendizagem “festas religiosas” estabelecidas no Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau, mais especificamente a Festa do Milho e a confecção de petecas, o objetivo maior, com materiais que fossem próprios da natureza dentre eles, pedras ou areias, as palhas de milho seca e as penas naturais de aves, recursos nada fáceis de se encontrar mas, com sorte e muito empenho, conseguimos que todos os estudantes do 4º tivessem o material didático em mãos para confeccionar suas petecas de origem indígena.

Então, o planejamento foi executado em quatro aulas de apenas 56mim semanais de Ensino Religioso na rede municipal de Blumenau/SC que tem como proposta fazer reflexões sobre os fundamentos, costumes e valores das diferentes religiões presentes na sociedade brasileira e no mundo. Na primeira aula, instigou-se a curiosidade dos estudantes com a seguinte questão escrita na louça: para que servem as festas? Prontamente muitos estudantes responderam à questão, veio a segunda questão: o que são festas religiosas? Poucos estudantes se atreveram em responder, mas, com persistência e alguns comentários sobre o significado de festas religiosas, relataram que “festas religiosas são manifestações culturais que mobilizam a comunidade como fator de integração dentro de uma sociedade, vinculando tradições religiosas, crenças, valores, fortalecendo o sentimento de pertença de cada pessoa ao grupo com o qual compartilha as mesmas convicções religiosas”, sem delongas, nas segundas e terças aulas seguintes foi disponibilizado vídeos de diversas festas religiosas de matriz ocidental, oriental, africana e diferentes atividades lúdicas, como jogo de memória, quebra-cabeça, pintar e colorir um tapete (papel A4) da Festa do Divino. Pôr fim a quarta e última semana chegou. Foi planejado assistir vídeos da matriz indígena sobre “Festa do Milho” e “A origem da Peteca”, conhecendo a lenda de como surgiu um dos brinquedos favoritos das crianças indígenas juntamente com a colheita do milho que se transformou em festa e distribuição entre os indígenas brasileiros. Também se concretizou diálogos sobre os vídeos, a lenda da peteca e a atividade lúdica, sendo a confecção da peteca de origem indígena para brincar na escola ou em casa.

Obter êxito dessa prática pedagógica na execução entre o teórico, o planejado e o da pratica é muitas vezes impossível de dar conta por falta de tempo disponível, desta forma demandou uma intervenção da professora supervisora Sandra que dialogando com a professora de Educação Física, Aline, cedeu a aula que seria a próxima, tendo assim uma interdisciplinaridade entre as disciplinas de Ensino Religioso e Educação Física não planejadas, oportunidade que foi concretizado ao ensinar e confeccionar juntos com os estudantes a peteca e em seguida ensinar a brincadeira com as regras.

E assim a peteca virou um brinquedo que causou impacto na aprendizagem significativa nos estudantes e trouxe diversão, conhecimentos, respeito aos povos indígenas, muita alegria, interdisciplinaridade, tolerância, diálogos, interação e inclusão. Virou um instrumento para aquecimento corporal e recreação na aula de Ensino Religioso e na aula de Educação Física, a peteca deixou de ser um objetivo de aprendizagem e tornou-se um brinquedo admirado pelos estudantes, tornou-se fonte de cultura, memória e identidade.

A peteca é um jogo de origem indígena e consiste em dois ou mais participantes, utilizando-se as mãos, onde a peteca é arremessada ao ar de um jogador para o outro, evitando que ela toque o chão numa certa área definida. Outra variante da diversão é tentar acertar a peteca em outro jogador, que deve deixar a partida se for acertado.

Em 1977, o Conselho Nacional de Desportos (CND), por meio do Decreto n. 80.228, considera a peteca uma atividade física genuinamente brasileira. A oficialização como esporte só aconteceu em 27 de agosto de 1985, pela deliberação 15/85, tornando-se nível de competição nacional.

Amparado pela Lei 9.615, de 24 de março de 1998, do Governo Brasileiro, que considera o desporto, Capítulo II, artigo 2º, como direito individual baseado em importantes princípios, sendo eles: princípio da identidade nacional, refletido na proteção e incentivo às manifestações esportivas de criação nacional (parágrafo VII); princípio da educação, voltado para o desenvolvimento integral do homem, como ser autônomo e participante, e fomentado por meio de prioridade dos recursos públicos ao desporto educacional (parágrafo VIII).

A peteca, brincadeira indígena de origem, rompeu fronteiras e é praticada em países como França, Espanha, Itália, Portugal, Alemanha, Inglaterra, Canadá, Colômbia, Bolívia, EUA e Líbano.

Ainda segundo Freire (2009, p.07) "De nada adianta o discurso competente se a prática é impermeável à mudança” estar aberto e criar condições para mudança de entendimento das diversas culturas, dentre elas a cultura indígena foi uma das coisas que fez com que nossa experiência desse certo.

**4 Resultados e Discussão**

Brincar é essencial para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças. Brincadeiras tradicionais não são apenas diversão, assim como oportunidades de expressar sentimentos, praticar habilidades e aprender de diversas formas.

Para os estudantes, brincar é coisa séria porque é desse modo que elas se comunicam e aprendem sobre elas mesmas, os outros e o mundo. Por isso, promover a brincadeira indígena brasileira pode ser uma forma genuína de aproximar diferentes culturas e apresentar aos estudantes outros jeitos de ser criança no Brasil.

A peteca como instrumento de pratica pedagógica com a turma do 4º da EBM Bilingue Annemarie Techentin, apresentou olhares a partir de uma pratica religiosa, a partir de uma festa religiosa dos povos indígenas que cultivam a colheita do milho na estação do inverno, por isso é considerada uma brincadeira de aquecimento corporal e de recreação. Saberes e espiritualidade indígenas foram compartilhados, conhecimentos que nos instigam a reflexão. Os povos indígenas são fonte de aprendizagem para toda a comunidade escolar, sua vida gera em torno da comida e de suas festas religiosas com seus ritos e mitos, constituindo-se na base de sua cultura e costumes.

Por meio dessa brincadeira indígena, a peteca, seja na escola ou em casa, os estudantes puderam conhecer outros materiais, novas formas de se movimentar, de se relacionar com o outro, consigo e com os espaços.

Proporcionar aulas com metodologias não tradicionais estimula a atividade em grupo, a participação dos estudantes na hora de tirarem suas dúvidas e os conhecimentos e a experiência dos bolsistas são enriquecidas (SILVA *et al*., 2016). Tornar as aulas mais interessantes e atrativas é importante, chama atenção do estudante, sem tirar o foco da aula despertando a vontade de aprender o conteúdo.

**5 Considerações Finais: possibilidades lúdicas e educativas**

O jogo de peteca ainda existe no Brasil, mais fortemente em algumas localidades, porém outras carecem desse traço cultural. Nesse sentido, compartilhar a brincadeira, sendo uma pratica pedagógica no Subprojeto Ensino Religioso, e até mesmo fazer o brinquedo à moda antiga, trançado de palha de milho seca e penas naturais de aves, foi uma maneira de não perder o ensinamento dos povos indígenas do Brasil. Permitiu o desenvolvimento de habilidades como concentração, coordenação, comunicação, criatividade e interação com o outro. Sem depender de muitos recursos, nem de brinquedos caros e tecnologias. Foi preciso energia e vontade de brincar. Foi interessante confeccioná-la na escola, registrando esse aprendizado em fotos de passo a passo e vídeos, depois virou pura diversão nas disciplinas de Ensino Religioso e Educação Física, assim para o brinquedo, a peteca, não cair no esquecimento.

Para nós, ex-bolsistas do PIBID, esse relato de experiência visou promover o desenvolvimento de habilidades como conhecer, interpretar e agir de forma consciente, diante de situações previsíveis e até imprevisíveis, experimentar um processo de aprendizado contínuo, em que teoria e prática se entrelaçam. E encorajados a observar, refletir, planejar, executar e avaliar as diferenças, que ocorre no meio escolar, também buscar ministrar, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, de forma imparcial, sem proselitismo, promovendo aos estudantes, um aprendizado acessível e entendível, sobre as festas religiosas.

**Referências**

ANDRADE, M. L. F.; MASSABNI, V. G. *O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências.* Ciência & Educação, Bauru, v. 17, n. 4, p. 835-854, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132011000400005> . Acesso em: 20 mar. 2024.

BIACA, Valmir; SOUZA, Elson Oliveira; SCHOLGL, Emerli*. O sagrado no ensino religioso.* Curitiba: SEED – Pr, 2006. p. 136

BLUMENAU (SC). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. *Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau*. Blumenau (SC). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. 1. ed. - Blumenau: SEMED, 2021.

a. *Projeto Político Pedagógico.* Escola Básica Municipal Bilingue Annemarie Techentin. 2022. p. 47.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular***.** 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>  Acesso em: 01 nov. 2023.

BRASIL. *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.* Disponível em: <https://g.co/kgs/4PC4x8N>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL**.** *Lei nº11645, de março de 2008.* Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 27 mar. 2024.

BRASIL*.* [*Lei Nº 9.615, de 24 de março de 1998*](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.615-1998?OpenDocument). Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm#:~:text=O%20Sistema%20Nacional%20do%20Desporto%20congrega%20as%20pessoas%20f%C3%ADsicas%20e,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico>. Acesso em: 25 mar. 2024.

COOGAN, Michael D. *Religiões.* São Paulo: Publifolha, 2007. p. 288.

FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I*. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.* Editora: Paz e Terra, 2009.

LADEIRA, Maria Inês. 2003, APUD: DE GEORGE, Iozodara Telma Branco. *Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná.* Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós graduação em Educação e Em Matemática da UFPR.p.49.

MARLI, André. *Práticas inovadoras na formação de professores.* Campinas, SP: Papirus, 2016.

MELCHIOR, Myriam; SULIS, Marcella. Grãos sacralizados: notas sobre a difusão popular do milho a partir do seu uso simbólico em rituais religiosos. Dossiê II Simpósio Internacional de Pesquisa em Alimentação. Revista Ingesta, v. 2, n. 1, p. 118-136, 2020. ISSN: 2596-3147. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/167218>. Acesso em: 28 set. 2020.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de; KREUZ, Martin; WARTHA, Rodrigo. *Educação, história e cultura indígena: desafios e perspectivas no Vale do Itajaí.* Blumenau: Edifurb, 2014. p.200.

QEdu. *Censo Escolar 2022.*Escola Básica Annemarie Techentin. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/42106176-ebm-annemarie-techentin/censo-escolar>. Acesso em 07 abr. 2024.

*Festa do Milho Sagrado celebra a soberania alimentar e a resistência dos povos Guarani.*Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/festa-do-milho-sagrado-celebra-a-soberania-alimentar-e-a-resistencia-dos-povos-guarani/awara>. Acesso em: 28 mar. 2024.

Povos indígenas no Brasil. *Povo Jarawara.* Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Jarawara>. Acesso em: 27 mar. 2024.

Agro Floresta Amazônia. *A importância do cultivo do milho para as comunidades indígenas.* (2022). Disponível em: <https://agroflorestamazonia.com/a-importancia-do-cultivo-do-milho-para-as-comunidades-indigenas/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

A Revista PB. (s.d.). *Peteca: a criação indígena que ganhou o mundo.* Disponível em: <https://revistapb.com.br/brasileirismos/peteca-a-criacao-indigena-que-ganhou-o-mundo/> Acesso em: 29 mar. 2024.

CEBI*.* [*Festa do Milho Sagrado celebra a soberania alimentar e a resistência dos povos Guarani - CEBI*](https://cebi.org.br/noticias/festa-do-milho-sagrado-celebra-a-soberania-alimentar-e-a-resistencia-dos-povos-guarani/). Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/festa-do-milho-sagrado-celebra-a-soberania-alimentar-e-a-resistencia-dos-povos-guarani/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PETECA.*História da peteca.* Disponível em: <https://cbpeteca.org.br/historia-da-peteca/>. Acesso em 27 mar. 2024.

1. Licenciando Ciências da Religião – Licenciatura em Ensino Religioso, Ex Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID - Subprojeto Ensino Religioso - FURB. Contato: [fjcsilva@furb.br](mailto:fjcsilva@furb.br). [↑](#footnote-ref-1)
2. Licencianda Ciências da Religião – Licenciatura em Ensino Religioso, Ex Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID - Subprojeto Ensino Religioso - FURB. Contato: [soelis@furb.br.](mailto:soelis@furb.br) [↑](#footnote-ref-2)
3. Ex Professor/a Supervisor/a do PIBID - Subprojeto Ensino Religioso, na Escola Básica Municipal Bilíngue Annemarie Techentin, Professora Licenciada pela SEMED/Blumenau/SC, Pós-graduada LATO SENSU EM DIREITOS HUMANOS, do Centro Universitário FACVEST, Pós-graduada em EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE NUMA PERSPECTIVA CIDADÃ, do Centro de Educação a Distância – CEAD/UDESC. Contato: [sandrams@ensinablumenua.sc.gov.br](mailto:sandrams@ensinablumenua.sc.gov.br) [↑](#footnote-ref-3)